



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
LICENCIATURA EM LETRAS COM ESPANHOL

SILVANETE SILVA DOS SANTOS

**A REALIZAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i] NO INTERIOR
DO MARANHÃO: ANÁLISE DE DADOS DO PROJETO
ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB)**

FEIRA DE SANTANA

2018

SILVANETE SILVA DOS SANTOS

**A REALIZAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i] NO INTERIOR
DO MARANHÃO: ANÁLISE DE DADOS DO PROJETO
ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB)**

Monografia apresentada ao Colegiado de Letras
Português-Espanhol do Departamento de Letras e
Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana
como requisito para a obtenção do grau de
Licenciada em Letras com Língua Espanhola.

Orientadora: Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira

FEIRA DE SANTANA

2018

De todos os amores que podemos receber durante a vida, o amor dos nossos pais é o mais especial. E dos familiares e amigos, para que a vida sempre valha muito a pena.



FOLHA DE APROVAÇÃO

SILVANETE SILVA DOS SANTOS

A REALIZAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i] NO INTERIOR DO MARANHÃO: ANÁLISE DE DADOS DO PROJETO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL (ALiB)

Monografia apresentada no âmbito da disciplina Trabalho Monográfico como requisito para a obtenção do título de Graduada em Letras com Espanhol sob a orientação da Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira


BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Josane Moura de Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

(Examinadora)
Marcela Moura Torres Paim (UFBA/UEFS)
Universidade Federal da Bahia

(Examinadora)
Vera Pedreira dos Santos Pepe (UEFS)
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Aprovada em 16 de julho de 2018



AGRADECIMENTOS

Enfim cheguei, não foi fácil! A luta foi grande e o esforço valeu a pena! Agradeço ao meu grande Deus que me ajudou, me deu força e sempre renovou minha esperança.

Aos meus pais Raimundo e Maria da Glória, que sempre estiveram presentes, sacrificando seus sonhos em favor dos meus. Às minhas irmãs Goretti, Margarete e, em especial, a Silvana e ao meu cunhado Márcio, por me acolherem em sua casa durante todo esse período de estudo.

Ao meu esposo Jurandi, pelo apoio, por compreender pacientemente a minha ausência e a minha angústia, pois é através dele que vai surgir a minha nova família, fonte de inspiração para isto tudo.

Aos meus sobrinhos Jorge, Thiago, Maria Luísa e Maria Clara, que me deram alegria e coragem para continuar a minha jornada de estudo quando muitas vezes pensei em desistir.

Ao meu tio Antônio (*i.m.*), a tia Maria (*i.m.*) e ao meu sogro Miguel (*i.m.*) que nos deixaram sem ao menos despedirem-se, mas fico com as lembranças, a alegria e a simplicidade com que levavam a vida. Para vocês, ergo o canudo.

Às minhas colegas e irmãs de curso Ana Lúcia, Deise, Tainam, Valmira, Vanusa, Maria Isabel e Mirlane. Vocês foram o meu porto seguro, minhas companheiras nessa jornada de muitas dificuldades, mas também de muitos momentos prazerosos. Aos amigos que a UEFS me proporcionou conhecer: Rodrigo, Gisele, Bartira, Rebeca, Deivid, Regiane, Ketiniely, Cleidiane, Andressa, Hélio, Leila e a turma 2014.1, com quem estudei diferentes disciplinas.

À minha orientadora, Professora Dra. Josane Moreira de Oliveira, sempre disposta, com prestimosa atenção, por me acolher no grupo ALiB e pela confiança em mim depositada.



Às professoras Ana Jaci Carneiro, Nelmira e Rita Queiroz, que contribuíram, direta ou indiretamente, para a minha formação como professora.

À equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, pela disponibilização do *corpus*.

Às meninas bonitas da Xerox, Nice e Eze, exemplo de simplicidade.

À minha família Silva e Santos, pelo apoio e encorajamento renovando minhas forças nos momentos difíceis.

Aos amigos que, direta ou indiretamente, me ajudaram a chegar aonde sonhei.

A vocês, meu muito obrigada!



*Bem antes de servir para continuar, a
linguagem serve para servir.*

(Benveniste)



RESUMO

O presente trabalho monográfico é de cunho sociolinguístico, predominantemente descritivo, que buscou investigar qual o nível da variação de /t, d/ diante de [i] na fala popular de Imperatriz e Alto Parnaíba (MA). Essas consoantes podem ser articuladas como palatais ou como dento-alveolares em palavras como, por exemplo, *tia*, *dia* (com vogal /i/ fonológica), *parte*, *desde* (com vogal [i] derivada). Os dados para a realização deste trabalho foram coletados por meio de entrevistas junto a 8 (oito) informantes, 4 de cada cidade. Seguindo a metodologia do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), os falantes foram estratificados pelos dois sexos e por duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), todos com escolaridade de Ensino Fundamental. Para as entrevistas, foram aplicados um questionário fonético-fonológico, um questionário semântico-lexical e um questionário morfossintático, além de questões de pragmática, de discursos semidirigidos (nos quais há relatos pessoais), de perguntas metalinguísticas e de um texto para leitura. Os dados foram codificados e processados pelo programa GoldVarb X, a partir do controle de variáveis linguísticas e extralinguísticas. Procedeu-se, então, à análise qualitativa dos resultados estatísticos encontrados. A pesquisa revelou que as comunidades maranhenses estudadas caracterizam-se pela realização palatal de /t, d/ diante [i], pois, de um total de 2106 dados, houve apenas 7 (0,3%) da realização dento-alveolar.

Palavras-chave: Palatização de /t, d/. Variação linguística. Português do Maranhão.

RESUMEN

El presente trabajo monográfico es de cuño sociolingüístico, predominantemente descriptivo, que buscó investigar cuál es el nivel de la variación de /t, d/ frente de [i] en el habla popular de Imperatriz y Alto Parnaíba (MA). Estas consonantes pueden ser articuladas como palatales o como dento-alveolares en palabras como, por ejemplo, *tía*, *día* (con vocal /i/ fonológica), *parte*, *desde* (con vocal [i] derivada). Los datos para la realización de este trabajo fueron recolectados por medio de entrevistas a 8 (ocho) informantes, 4 de cada ciudad. Siguiendo la metodología del Atlas Lingüístico de Brasil (ALiB), los hablantes fueron estratificados por los dos sexos y por dos grupos de edad (18 a 30 años y 50 a 65 años), todos con escolaridad de Enseñanza Fundamental. Para las entrevistas, se aplicó un cuestionario fonético-fonológico, un cuestionario semántico-lexical y un cuestionario morfosintáctico, además de cuestiones de pragmática, de discursos semidirigidos (en los que hay relatos personales), de preguntas metalingüísticas y de un texto para lectura. Los datos fueron codificados y procesados por el programa GoldVarb X, a partir del control de variables lingüísticas y extralingüísticas. Se procedió entonces al análisis cualitativo de los resultados estadísticos encontrados. La investigación reveló que las comunidades de Maranhão estudiadas se caracterizan por la realización palatal de /t, d/ frente [i], pues, de un total de 2106 datos, hubo sólo 7 (0,3%) de la realización dento-alveolar.

Palabras-clave: Palatización de /t, d/. Variación lingüística. Portugués de Maranhão.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Rede de pontos do Nordeste (Projeto ALiB)	20
Figura 2: Localização de Imperatriz-MA	21
Figura 3: Vista da cidade de Imperatriz-MA	22
Figura 4: Localização de Alto Parnaíba-MA	23
Figura 5: Vista da cidade de Alto Parnaíba-MA	24
Quadro 1: Variáveis controladas na pesquisa	25
Gráfico 1: Resultado geral para /t, d/ diante de [i] em Imperatriz e Alto Parnaíba	27
Quadro 2: Dados de realização dento-alveolar de /t, d/ diante de [i]	28



LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Resultado geral para /t, d/ diante de [i] (vogal derivada e fonológica)	27
---	----



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A VARIAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i]	15
2 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO	17
2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA	17
2.2 O PROJETO ALiB	19
2.3 AS COMUNIDADES	20
2.3.1 Imperatriz	20
2.3.2 Alto Parnaíba	22
2.4 PROCEDIMENTOS	24
3 ANÁLISE DOS DADOS	27
3.1 OS 7 DADOS DE REALIZAÇÃO NÃO-PALATAL	28
3.1.1 Vozeamento	28
3.1.2 Natureza da vogal	29
3.1.3 Posição da sílaba	29
3.1.4 Tonicidade da sílaba	29
3.1.5 Vogal antecedente	29
3.1.6 Consoante antecedente	29
3.1.7 Nasalidade da vogal	29
3.1.8 Classe de palavra	30
3.1.9 Sexo	30
3.1.10 Faixa etária	30
3.1.11 Tipo de registro	30
3.1.12 Cidade	30
CONCLUSÕES	31
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

Desde o início do século XIX, a Dialectologia se firma como ramo dos estudos linguísticos ocupando-se da variação geográfica nas áreas rurais, mas atualmente envolve também as áreas urbanas. A Sociolinguística, que nasceu no século XX, centra-se na variação social da língua. A variação linguística, dessa forma, passa a ser objeto de estudo da linguística, a partir das relações entre vários fatores sociais, geográficos e linguísticos que se mesclam no uso da língua.

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) nasceu em 1996 e os primeiros volumes do Atlas foram publicados em 2014. Trata-se de um atlas pluridimensional, que considera, ao lado da dimensão diatópica, variáveis sociais tais como sexo/gênero, faixa etária e escolaridade.

Vinculado ao Projeto ALiB, desenvolve-se o trabalho sobre a realização variável de /t, d/ diante de [i] no Nordeste e no Brasil (OLIVEIRA et al., 2014; MOTA; OLIVEIRA, 2015), que pode ser dento-alveolar ou palatal em palavras como *tia*, *dia*, *leite*, *desde*.

Com este trabalho monográfico, pretende-se analisar a realização de /t, d/ diante de [i] em duas cidades do interior do Maranhão que integram a rede de pontos do Projeto ALiB: Ponto 29 – Imperatriz e Ponto 33 – Alto Parnaíba.

A presente pesquisa se justifica por contribuir, portanto, para o avanço do mapeamento e da descrição do português brasileiro. Além de contribuir com o Projeto ALiB nacional, investigando um fenômeno variável em cidades nordestinas, os resultados poderão fornecer base, a partir de dados empíricos, para combater o preconceito linguístico em relação a algumas pronúncias, sobretudo nordestinas, e para repensar o ensino-aprendizagem de língua portuguesa. Para tanto, busca-se responder à seguinte questão: o que influencia a realização palatal ou dento-alveolar nas cidades pesquisadas?

A finalidade deste trabalho é contribuir para o desenvolvimento do Projeto ALiB e para a execução dos seus objetivos. Como objetivo específico, busca-se contribuir para a descrição da língua portuguesa falada no Maranhão, analisando, de acordo com princípios da Dialectologia e da Sociolinguística, as formas de realização de /t, d/ diante de [i] (vogal fonológica – *tia*, *dia* – e vogal derivada¹ – *leite*, *desde*) na fala da Imperatriz e Alto Parnaíba.

¹ Considera-se vogal derivada a realização [i] em contextos em que também poderia ser realizada como [e].

Cumpre informar que os inquéritos já foram realizados pela equipe do Projeto ALiB e as gravações já estão disponibilizado para análise, motivo pelo qual não foi preciso submeter esta pesquisa ao Comitê de Ética.



1 A VARIAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i]

As consoantes oclusivas /t, d/ diante da vogal alta [i], como em *tia*, *dia*, *cantiga*, *moradia* – assim como em *leite*, *tarde*, *prateleira*, *desvio*, contexto em que o [i] provém do alçamento da vogal anterior média em posição átona –, podem manter, no português do Brasil, uma realização dento-alveolar, na qual mantêm a articulação oclusiva [tJ, dJ], ou podem passar às africadas [tʃ, dʒ], respectivamente.

Para Silva Neto (1986 [1950]), esse tipo de palatalização tem um caráter diastrático, incluindo-a entre os casos de “certo relaxamento da articulação”, como se lê no trecho:

A mudança de -e final para -i acarretou uma série de palatalizações mais ou menos pronunciadas à proporção que se baixa ou se sobe na escala social: *fonti*>*fontʃi*, *morti*>*mortʃi*, *poti*>*potʃi*, *podí*>*podʒi*, *verdade*>*verdadʒi*, *Chili*>*Chilhi*, etc.

A mesma palatalização se verifica sempre que há *ti*, *di* (*mentira*>*mintʃira*, *medida*>*midʒida*, *tirar*>*tʃirar*, *tinta*>*tʃinta*) ou *ti*, *di* (*pentiar*>*pentʃiar*, *lendia*>*lendʒia*). (SILVA NETO, 1986 [1950], p. 162)

A pronúncia palatalizada de /t, d/ antes de [i] ou [j] é mencionada entre as “Normas aprovadas pelo Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro”, realizado em Salvador, em 1956.

A fixação destas normas não implica de forma alguma a fixação definitiva e irrecorrível da fonética da língua-padrão. Por isso mesmo foram elas chamadas “normas” e não “leis”. Casos há que, embora definidos pela atenção aguda e cautelosa de filólogos eminentes, carecem ainda de comprovação experimental. Outros casos há também, dependentes de mais completa generalização, não só porque as línguas vivas são manifestações humanas de perpétua evolução, como por se achar ainda a língua nacional em fase incontestável de adolescência e desenvolvimentos. Verificações experimentais ulteriores bem como fixações novas que porventura apareçam deverão transformar necessariamente as normas que com elas colidam. (CONGRESSO, 1958, p. 35)

Algumas das observações dessas normas dizem:

3) que a consoante [d], quando ocorre antes de [i] ou [y], pode palatalizar-se, passando a [dʲ], podendo essa palatalização apresentar um grau maior, [d̪], de africada linguopalatal sonora, que deve ser evitada na pronúncia do teatro;

4) que a consoante [t], quando ocorre antes de [i] ou [y], pode palatalizar-se, passando a [t'], podendo essa palatalização apresentar um grau maior, [t̪], de africada linguopalatal surda, que deve ser evitada na pronúncia do teatro... (CONGRESSO, 1958, p. 490)

Percebe-se, a partir do que está na citação acima, que a realização palatalizada “em alto grau” de /t, d/ diante [i] é estigmatizada. O fato de se procurar evitar certas pronúncias na língua falada no teatro evidencia bem certo preconceito linguístico. Dessa forma ratifica-se a necessidade de buscas de caráter sociolinguístico não só para a descrição da realidade linguística brasileira mas também para uma atuação mais próxima do ensino-aprendizagem de línguas, contribuindo para a formação de professores e para o combate ao preconceito linguístico, como objetiva o Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Analisando sociolinguisticamente dados do Projeto ALiB de 25 capitais brasileiras, Mota e Oliveira (2015) atestam que a realização dento-alveolar documenta-se apenas em 32% dos casos em que a vogal seguinte ao /t, d/ é fonológica (como em *tio*, *dia*) e em 34% daqueles em que a vogal é derivada (como em *noite*, *tarde*, *estiar*, *desvio*).

Com relação à análise variacionista, as autoras dizem que houve algumas diferenças entre os dois contextos. Para a vogal fonológica, foram selecionadas quatro variáveis: *localidade*, *consoante antecedente*, *tonicidade da sílaba* e *faixa etária*. Para a vogal derivada, foram selecionadas seis variáveis: *cidade*, *faixa etária*, *vogal antecedente*, *consoante antecedente*, *sexo/gênero* e *nível de escolaridade*.

Quanto à variável *consoante antecedente*, Mota e Oliveira (2015) apontam a fricativa palatal como fator favorecedor da palatalização em ambos os contextos.

Ainda segundo as autoras, a faixa etária mais jovem favorece a palatalização de /t, d/, com uma diferença entre as faixas um pouco mais acentuada no caso da vogal derivada [i].

E concluem que a variação na realização de /t, d/ diante de [i] é, sobretudo, diatópica. A palatalização de /t, d/ predomina diante da vogal [i], fonológica ou derivada, em todas as capitais, com exceção de Natal, João Pessoa, Recife, Maceió e Aracaju, na região Nordeste; Cuiabá, na região Centro-Oeste; e Florianópolis, na região Sul. Ressaltam ainda que é preciso avançar a pesquisa pelas cidades do interior do Brasil. E é aqui que se encaixam a justificativa e a relevância desta monografia.

2 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Como se disse, neste trabalho analisa-se a realização variável de /t, d/ diante de [i] em duas localidades do interior maranhense (Imperatriz e Alto Parnaíba) que integram a rede de pontos do Projeto ALiB.

O quadro teórico-metodológico adotado é o da Sociolinguística Laboviana (LABOV, 2008[1972]). Parte-se, então, do princípio de que a mudança linguística decorre de um processo de variação entre formas alternantes com o mesmo valor de verdade que refletem a relação entre língua e sociedade. A variação linguística não é caótica nem aleatória, mas antes passível de sistematização e condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA

A sociolinguística iniciou-se no ano de 1964, em uma conferência na Universidade da Califórnia, organizada por William Bright, que foi o responsável por publicar os trabalhos do evento. Vários pesquisadores cujos estudos eram voltados para a relação entre linguagem e sociedade se fizeram presentes.

Calvet (2002) destaca que:

O encontro de 1964 marca, com efeito, o nascimento da sociolinguística que se afirma contra outro modo de fazer linguístico, o modo de Chomsky e da gramática gerativa. Mas Bright só pode perceber a sociolinguística como uma abordagem anexa dos fatos de língua, que vem complementar a linguística ou a sociolinguística e a antropologia. Essa é a subordinação que vai pouco a pouco desaparecer com Labov. (CALVET, 2002, p. 30-31)

A princípio, a proposta de Bright (1974 apud ALKMIM, 2001), para a Sociolinguística, seria a de “demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e social, ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às variações existente na estrutura social desta mesma sociedade” (BRIGHT, 1974 apud ALKMIM, 2001, p. 28).

A partir de estudos como os do antropólogo linguístico Franz Boas e seus seguidores Edward Sapir e Benjamin Whorf, a língua passa a ser vista como “objeto de estudo de vários ramos de conhecimento, distinguindo-se pela forma de análise desse objeto” (MONTEIRO, 2002, p. 43).

Dentre as disciplinas que se conciliam com a sociolinguística estão: a sociologia da linguagem, a dialetologia, a etnografia da comunicação, a geografia linguística e a pragmática, cada uma com um modo próprio de aproximar a língua da sociedade.

Labov (2008 [1972]), considerado o pai da Sociolinguística, nome que cunhou na década de 60, define a sociolinguística como o estudo da língua falada em relação ao contexto social. Partindo da comunidade linguística, entendida como o conjunto de indivíduos que partilham os mesmos costumes e hábitos de fala, Labov não separa a língua do contexto social.

Tarallo (2001) destaca que a língua deve ser entendida como o vernáculo da comunidade da fala, ou seja, o falar natural, a língua em seu contexto natural. O método próprio para o estudo da variação é através de entrevistas feitas por pesquisadores com o uso de gravador. E todo tipo de variação deve ser controlado.

Para Alkmim (2001),

A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas.

A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que tem a ver com a identidade dos falantes e também com a organização social cultural da comunidade de fala. (ALKMIM, 2001, p. 34)

Essa variação acontece quando indivíduos de regiões diferentes, como, por exemplo, um falante da região Sudeste e um da região Nordeste, atribuem nomes diferentes para o mesmo objeto: no Sudeste, *mandioca* é chamada de *aipim*; e no Nordeste, chamam de *macaxeira*. Isso acontece devido a aspectos sociais. Para as autoras, esses aspectos estão relacionados a idade, sexo, classe social, entre outros.

Camacho (2001) diz que:

O exame da linguagem no contexto social é tão importante para a solução de problema próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e sociedade é encarada como indisciplinar. Como a linguagem é em última análise um fenômeno social, fica claro para a sociolinguística que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encarar respostas para o problema que emergem da variação inerente ao sistema linguístico. (CAMACHO, 2001, p. 50)

Mollica (2013) acrescenta ainda que o contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo [...] e mudanças constituem temas

de investigação na área da Sociolinguística (MOLLICA, 2004, p. 10). A partir dessa citação, independentemente de a variação ser o foco variacionista, a sociolinguística busca cuidar dos assuntos quando se trata da relação entre língua e sociedade.

2.2 O PROJETO ALiB

O Atlas Linguísticos do Brasil (ALiB), projeto nacional nascido em 1996, objetiva cartografar o País, documentando e analisando o português brasileiro em vários níveis linguísticos. Utilizando uma metodologia pluridimensional, investiga os vinte e seis estados brasileiros e considera, ao lado da variável diatópica, outras variáveis sociais, tais como sexo/gênero, faixa etária e escolaridade.

O ALiB, projeto nacional de caráter interinstitucional, nasce, então, com objetivos linguísticos e também político-sociais, a seguir elencados: a) descrever a realidade da língua portuguesa do Brasil; b) estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil; c) examinar os dados coletados em interface com outros ramos do conhecimento (história, sociologia, antropologia etc.) para fundamentar posturas teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento do português brasileiro; d) oferecer um volume de dados aos lexicógrafos, gramáticos, autores de livros didáticos, professores e demais interessados pelos estudos linguísticos; e e) contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso (COMITÊ NACIONAL, 2001, p. 16).

Atualmente, todo o *corpus* já está constituído e os dois primeiros volumes – Volume I - Introdução e Volume II-Cartas linguísticas – do ALiB foram publicados em outubro de 2014. Foram realizadas gravações com 1.100 informantes distribuídos por 250 localidades espalhadas pelos 8.500.000 km² do País, aí incluídas todas as capitais (com exceção de Palmas – TO e Brasília – DF por serem cidades novas, a primeira criada em 1989 e a segunda fundada em 1960), perfazendo um total de aproximadamente 3.300 horas de gravação. Os informantes são estratificados pelos dois sexos/gêneros, por duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e por dois níveis de escolaridade (fundamental e universitário).

Quanto às entrevistas, com duração de cerca de 3 a 4 horas, foram aplicados um questionário fonético-fonológico (incluindo questões de prosódia), um questionário semântico-lexical (versando sobre várias áreas temáticas) e um questionário

morfossintático, além de questões de pragmática, de discursos semidirigidos (com relatos pessoais), de perguntas metalinguísticas e de um texto para leitura.

Esta pesquisa adota os procedimentos metodológicos do Projeto ALiB e centra-se nas cidades maranhenses de Imperatriz e Alto Parnaíba, localizadas no mapa a seguir:

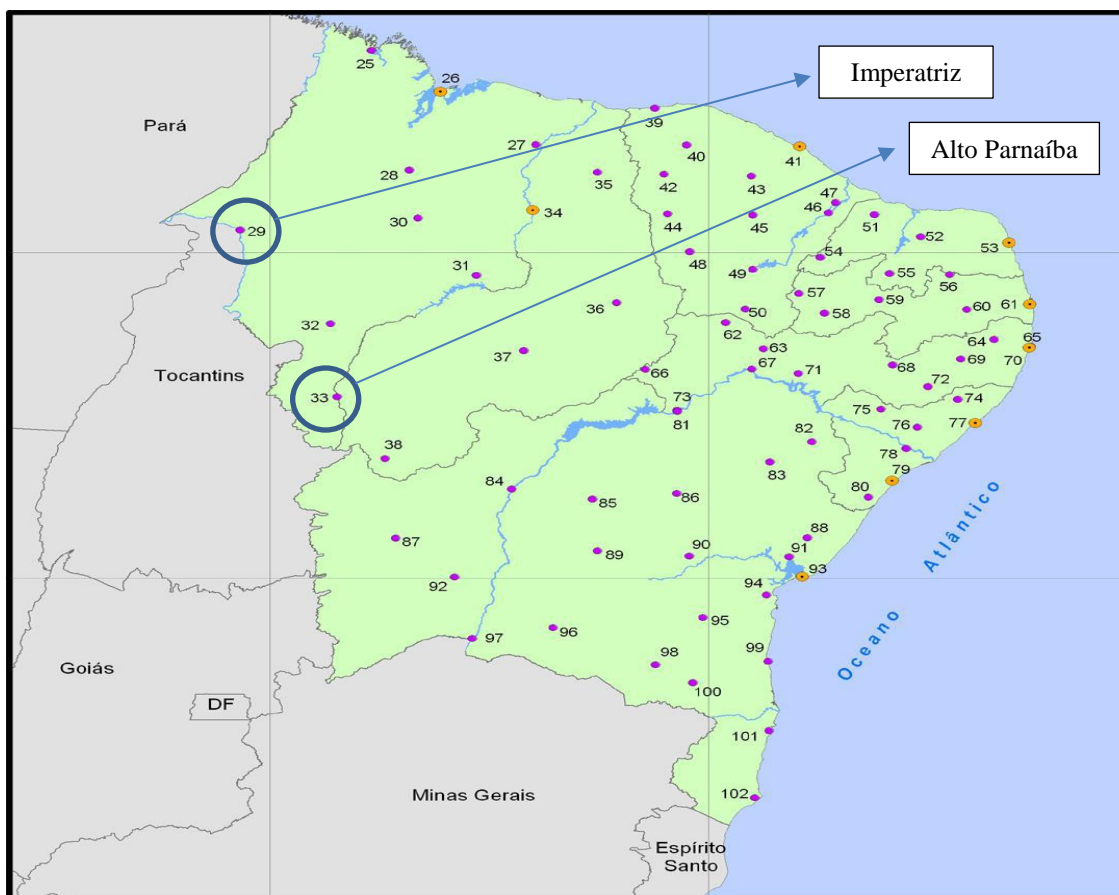


Figura 1: Rede de pontos do Nordeste (Projeto ALiB)

2.3 AS COMUNIDADES

2.3.1 Imperatriz

O município de Imperatriz nasceu nos fins do século XVI e início do século XVII, com a iniciativa dos holandeses puritanos que, partindo de São Paulo, buscavam nos confins do Norte a riqueza. Esse município está localizado no Oeste do Maranhão, na fronteira com o Estado do Tocantins. Limita-se ao Norte com os municípios de Cidelândia e São Francisco do Brejão; ao Sul com Governador Edson Lobão, Davinópolis e o Estado

do Tocantins; a Leste com João Lisboa e Senador La Roquem; e a Oeste com o Estado do Tocantins.



Figura 2: Localização de Imperatriz-MA (fonte Wikipédia)

Não estando ainda estabelecidos os limites entre as então províncias do Pará e Maranhão, o presidente da província paraense, Francisco Coelho, em 1851, incumbiu o Frei Manuel Procópio do Coração de Maria de edificar uma vila em território do Pará, no limite com o Maranhão. Em 1852, este último fundou o povoado de Santa Tereza de Imperatriz, em homenagem a D. Tereza Cristina, Imperatriz do Brasil, na época. Frei Manuel se empenhou por tornar sua província uma vila de fronteira maranhense. Em 1896, conseguiu, astuciosamente, elevar o povoado à condição de vila.

Imperatriz ocupa o segundo maior centro econômico nos setores da agricultura, extrativismo vegetal, pecuária, no comércio etc. Segundo a pesquisa do último censo do IBGE sua população estimada é de 247.505 habitantes.



Figura 3: Vista da cidade de Imperatriz-MA (fonte: Google imagens)

2.3.2 Alto Parnaíba

Alto Parnaíba é uma cidade situada à margem esquerda do Rio Parnaíba, no extremo Sul do Estado do Maranhão, e limita-se com os municípios de Tasso Fragoso e Balsas (MA), ao Norte e a Noroeste; com o Estado do Piauí, ao Sul e a Leste; e com o Tocantins, ao Sul e a Oeste. Nela primitivamente viveram os índios “Tapuias”.



Figura 4: Localização de Alto Paranaíba-MG (fonte Wikipédia)

O primeiro povoador de suas terras foi o senhor Francisco Freitas, quando, em busca de uma área adequada ao cultivo agrícola, ali se instalou, dando-lhe o nome de Fazenda Barcelona. Subsequentemente, Cândido Lustosa, imigrante do Piauí, fixou-se nas margens daquela fazenda, vindo a ser também um precursor no desbravamento da área. Em 1886, Francisco Freitas doou parte das terras de sua fazenda Barcelona à igreja local.

Segunda a pesquisa realizada pelo IBGE, sua população estimada em 2017 era de 11.001 habitantes. Sua economia baseia-se no cultivo de feijão, milho, mandioca e arroz.

A partir do final da década de 70 do século XX a pecuária atualizou-se principalmente na parte da criação de gado para o abate, tornando-se umas das principais atividades econômica da região.



Figura 5: Vista da cidade de Alto Parnaíba-MA (fonte: Google imagens)

2.4 PROCEDIMENTOS

De acordo com a metodologia do Projeto ALiB, em cada cidade do interior foram inquiridos 4 informantes, 2 homens e 2 mulheres, todos com nível fundamental incompleto de escolaridade, sendo 2 informantes da faixa etária mais jovem (18 a 30 anos) e 2 da faixa etária mais avançada (50 a 65 anos). Assim, nesta pesquisa, foram analisados dados de um total de 8 informantes e foram controladas variáveis linguísticas e sociais, além da variável geográfica, que podem condicionar a realização dento-alveolar ou palatalizada das consoantes /t, d/ diante da vogal [i].

Nesta pesquisa, foram controladas a localidade, o sexo e a faixa etária do informante bem como variáveis linguísticas elencadas no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Variáveis controladas na pesquisa

Variáveis linguísticas	Variáveis extralinguísticas
Vozeamento: consoante surda /t/ ou sonora /d/	Sexo/gênero: masculino ou feminino
Natureza da vogal: fonológica ou derivada ²	Faixa etária: 18 a 30 anos (faixa 1) ou 50 a 65 anos (faixa 2)
Posição da sílaba: inicial, medial ou final	Tipo de registro: mais monitorado (QFF e QSL) ou menos monitorado (outras partes do inquérito, exceto leitura)
Tonicidade da sílaba: tônica ou átona	Cidade: Imperatriz ou Alto Parnaíba
Vogal antecedente: [a, â], [E, e, ê], [i, î], [o, ô], [u, û], semivogal anterior [y] ou semivogal posterior [w]	
Consoante antecedente: constrictiva alveolar, constrictiva palatal ou constrictiva laríngea, velar ou vibrante	
Nasalidade da vogal: oral ou nasal	
Classe de palavra: substantivo, adjetivo, verbo, pronome, numeral, advérbio, preposição	

Os dados foram extraídos das respostas ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e ao Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB (cf. COMITÊ NACIONAL, 2001) e de ocorrências em outras partes do inquérito, com exceção do texto para leitura.

Após ouvidos e transcritos foneticamente, os dados foram codificados e submetidos ao Programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005)

² Considera-se vogal fonológica quando a única realização possível é [i], como em *tia*, *dia*. Considera-se vogal derivada quando a realização [i] é possível, mas não exclusiva, como em *parte*, *tarde*, quando é possível a realização [e], pelo menos em alguns dialetos do Sul do Brasil.

para processamento computadorizado. Após cálculos de análise combinatória, o programa gerou as frequências, os pesos relativos e o nível de significância de cada fator e de cada grupo de fatores. A análise dos dados está apresentada na seção seguinte.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Como mencionado anteriormente, os dados foram codificados e processados pelo Programa GoldVarb X, de acordo com as variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas na pesquisa.

Consideradas as cidades de Alto Paranaíba e Imperatriz, as ocorrências de /t, d/ diante de [i] totalizaram 2106, dos quais 2099 (99,7%) foram de realização palatal, contra apenas 7 dados (0,3%) de realização dento-alveolar, como se pode ver na Tabela 1, abaixo:

Variantes	Ocorrências	Porcentuais
Palatal	2099	99,7%
Dento alveolar	7	0,3%
Total	2106	100%

Tabela 1: Resultado geral para /t, d/ diante de [i] (vogal derivada e fonológica)

Contrariamente ao esperado, nas comunidades analisadas praticamente não existe variação, pois a palatalização é uma regra quase categórica (99,7%). O Gráfico 1, a seguir, ilustra os resultados encontrados, evidenciando que as cidades de Alto Parnaíba e Imperatriz caracterizam-se pela articulação palatal das consoantes /t, d/ diante de [i].

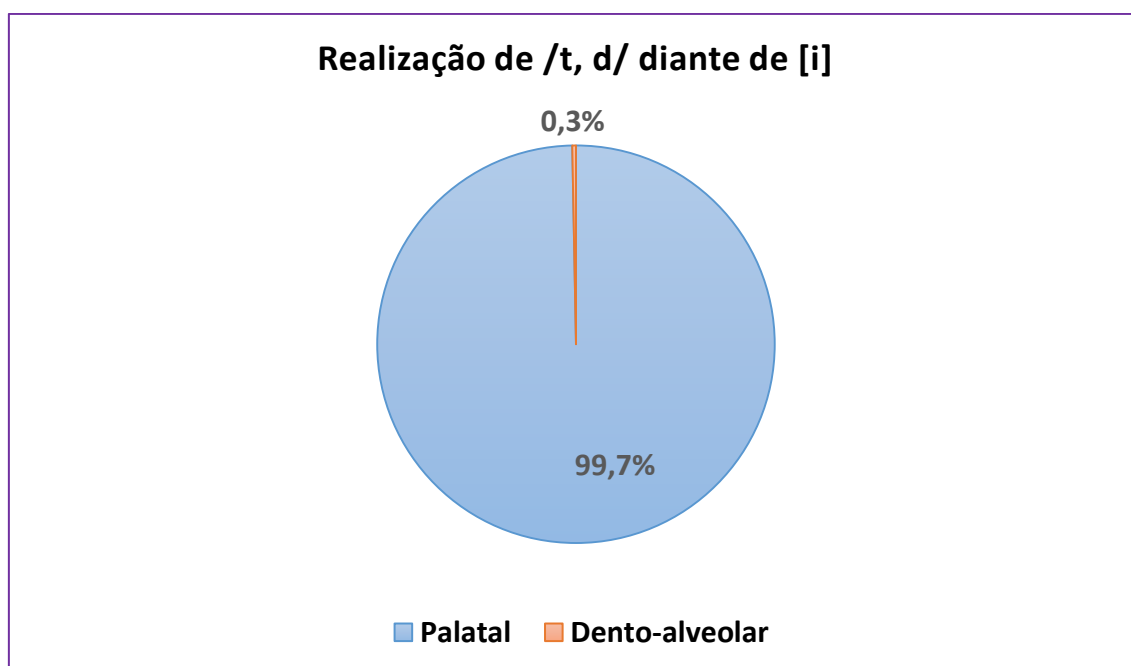


Gráfico 1: Resultado geral para /t, d/ diante de [i] em Imperatriz e Alto Parnaíba

Como não se atestou variação nesta pesquisa, não foi possível rodar os dados para uma análise variacionista com pesos relativos. Assim, procedeu-se a uma análise qualitativa dos 7 dados de realização dento-alveolar.

3.1 OS 7 DADOS DE REALIZAÇÃO NÃO-PALATAL

Dos 7 dados de realização não-palatal (dento-alveolar), 6 ocorreram na cidade de Alto Parnaíba e apenas 1 na cidade de Imperatriz. Das 6 ocorrências de Alto Parnaíba, 5 são do mesmo falante, o homem da faixa etária 1, o que leva a que se considere essa realização conservadora uma idiossincrasia desse falante. O outro dado de Alto Parnaíba foi produzido pelo informante homem da faixa etária 2. Quanto ao único dado não-palatal de Imperatriz, foi produzido pelo informante homem da faixa etária 1.

Os dados de realização não-palatal que ocorreram na amostra estão apresentados, em ordem alfabética, no Quadro 2, a seguir:

atac <u>ante</u>
dent <u>e</u>
d <u>i</u> ferença
d <u>i</u> ferente
lanchonet <u>e</u>
prate <u>le</u> ira
vontad <u>e</u>

Quadro 2: Dados de realização dento-alveolar de /t, d/ diante de [i]

Analisando, pois, qualitativamente os dados de realização não-palatal, considerando as variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas na pesquisa, as seções seguintes apresentam as constatações a que se chegou.

3.1.1 Vozeamento

Dos 7 dados de realização não-palatal, 3 são da consoante sonora /d/ (vontade, diferente, diferença) e 4 são da consoante surda /t/ (atacante, lanchonete, prateleira, dente).

3.1.2 Natureza da vogal

Dos 7 dados de realização não-palatal, 5 de vogal derivada (prateleira, vontade, atacante, lanchonete, dente) e 2 de vogal fonológica (diferente, diferença).

3.1.3 Posição da sílaba

Dos 7 dados de realização não-palatal, 4 são em posição final de palavra (vontade, atacante, lanchonete, dente), 2 em posição inicial de palavra (diferente, diferença) e 1 em posição medial (prateleira).

3.1.4 Tonicidade da sílaba

Todos os dados de realização não-palatal ocorrem em sílaba átona (prateleira, vontade, atacante, lanchonete, dente, diferente, diferença).

3.1.5 Vogal antecedente

Dos 7 dados de realização não-palatal, 3 são de /t, d/ depois da vogal [a] (vontade, atacante, prateleira), 2 depois de vogal média anterior (lanchonete, dente) e 2 em posição inicial absoluta (diferente, diferença).

3.1.6 Consoante antecedente

Nenhum dos 7 dados de realização não-palatal ocorreu após uma sílaba travada por consoante, como em *prostituta*, *desde* e *parte*, *tarde*.

3.1.7 Nasalidade da vogal

Todos os dados de /t, d/ não-palatal ocorreram diante da vogal [i] oral. Não houve realização dento-alveolar em palavras como *pertinho* e *dinheiro*.



3.1.8 Classe de palavra

Dos 7 dados de realização não-palatal, 6 são de substantivos (vontade, atacante, prateleira, diferença, lanchonete, dente) e 1 de adjetivo (diferente).

3.1.9 Sexo

Todas as ocorrências de /t, d/ diante de [i] com realização não-palatal foram produzidas por homens.

3.1.10 Faixa etária

Dos 7 dados de realização não-palatal, 6 foram produzidos pelos homens mais jovens (18 a 30 anos) (atacante, lanchonete, vontade, diferente, diferença, dente) e apenas 1 foi produzido pelo homem da faixa etária 2 (prateleira).

3.1.11 Tipo de registro

Dos 7 dados de realização não-palatal, 5 ocorreram no estilo mais monitorado (vontade, atacante, prateleira, lanchonete, dente), quando o falante responde ao questionário fonético-fonológico e ao questionário semântico-lexical, e 2 ocorreram no estilo menos monitorado (diferente, diferença), ou seja, em outra parte do inquérito (no questionário morfossintático ou no discurso semidirigidos, quando o falante se apropria de um discurso mais livre, o que contraria a hipótese aventada.

3.1.12 Cidade

Dos 7 dados de realização não-palatal, 6 foram documentados em Alto Parnaíba (atacante, lanchonete, prateleira, vontade, diferente, diferença) e apenas 1 foi encontrado em Imperatriz (dente).



CONCLUSÕES

A partir do que foi exposto ao longo deste trabalho, a presente monografia investigou a realização das variantes dento-alveolares [t, d] e palatais [tʃ, dʒ] diante da vogal [i] nos falares das cidades de Imperatriz e Alto Parnaíba, localizada no interior do Estado do Maranhão.

Foram coletados 2106 dados, a partir da audição e da transcrição fonética, de 8 inquéritos do *corpus* do Projeto ALiB (4 de Imperatriz e 4 de Alto Parnaíba), disponibilizados para a pesquisa. Processados os dados pelo programa GoldVarb X, os resultados indicam que das variantes encontradas, prevalece a realização palatal de /t, d/ diante de [i] nas comunidades examinadas, que atinge 99,3% das ocorrências, o que se configura como uma regra quase categórica.

Ao contrário, a realização dento-alveolar ou não-palatal (considerada conservadora, já que é a realização trazida pelos portugueses ao Brasil), obteve baixa produtividade, ocorrendo apenas 7 vezes, o que equivale a 0,3% dos dados. Vale destacar que desses 7 dados, 6 foram documentados em Alto Parnaíba, 5 dos quais produzidos pelo mesmo informante, o homem mais jovem. O homem da faixa 2 (50 a 65 anos) dessa cidade produziu o sexto dado. E apenas 1 dado ocorreu em Imperatriz, produzido pelo falante homem da faixa etária 1 (18 a 30 anos).

Por não se configurar esse fenômeno como variável nas comunidades examinadas, não foi possível proceder à análise de pesos relativos, comumente usada nas pesquisas sociolinguísticas labovianas. Assim, realizou-se uma análise qualitativa dos 7 casos de realização não-palatal, considerando as variáveis linguísticas e extralinguísticas estabelecidas para a pesquisa.

Para entender os motivos pelos quais o informante homem da faixa 1 de Alto Parnaíba produziu esses 5 dados não-palatais, seria preciso investigar mais da sua vida pessoal. Seria interessante, por exemplo, saber se costuma viajar para outras comunidades em que a articulação dento-alveolar seja a norma ou se convive com pessoas cuja articulação predominante seja esta. Mas a obtenção dessas informações foge ao escopo desta pesquisa. Os demais 2 dados, 1 do homem da faixa 2 de Alto Parnaíba e 1 do homem da faixa 1 de Imperatriz podem ser considerados dados isolados, o que se chama de “ruído branco”, ou seja, dados que ocorrem de forma esparsa e que devem ser ignorados para que generalizações possam ser feitas.



Assim, pode-se atestar que as comunidades maranhenses de Alto Parnaíba e Imperatriz realizam /t, d/ diante de [i] de forma palatal, realização que é categórica na capital, São Luís, segundo Mota e Oliveira (2015).

Com as discussões exibidas nesse estudo, espera-se colaborar com os estudos linguísticos do Brasil, principalmente com o mapeamento das comunidades de fala do Estado do Maranhão, um dos objetivos do Projeto ALiB.



REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à linguística**. v. 1, 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21-47.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à linguística**. v. 1, 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 49-75.
- CARDOSO, S. A. O Atlas Linguístico do Brasil: uma questão política. **Atas do Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil**. Salvador: UFBA, 1996, p. 87-96.
- CARDOSO, S. A. M. et al. (Orgs.). **Atlas linguístico do Brasil**, v. 1 (Introdução). Londrina: EDUEL, 2014a.
- CARDOSO, S. A. M. et al. (Orgs.). **Atlas linguístico do Brasil**, v. 2 (Cartas linguísticas 1). Londrina: EDUEL, 2014b.
- COMITÊ NACIONAL do Projeto ALiB. **Atlas linguístico do Brasil**. Questionários 2001. Londrina: UEL, 2001.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADA NO TEATRO, 1, 1956, Salvador. **Anais...** Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1958.
- GOOGLE Imagens. Disponível em: <https://www.google.com/imghp?hl=pt-pt>. Acesso em: 17 jun. 2018.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008[1972].
- MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004, p. 9-14.
- MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2002.
- MOTA, J. A.; OLIVEIRA, J. M. Cartas fonéticas. In: CARDOSO, S. A. M. et alii (Orgs.). **Atlas Linguístico do Brasil**, v. 2. Londrina: EDUEL, 2014, p. 123- 129.
- MOTA, J. A.; OLIVEIRA, J. M. As consoantes oclusivas /t, d/ diante de [i] nas capitais brasileiras com base em dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Trabalho entregue para publicação no volume 3 do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), 2015 (inédito).
- OLIVEIRA, J. M.; MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Variabilidade no português: a realização de /t, d/ diante de /i/ em dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Comunicação apresentada no IV Congresso Internacional da AILP (Associação

Internacional de Linguística do Português). Macau: Universidade de Macau, dez. 2014 (inédito).

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **GoldVarb X** – a multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986 [1950].

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2001.

WIKIPÉDIA. **A enciclopédia livre**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal. Acesso em 18 jun. 2018.

